

O vício do jogo é curável?

STEVE CADY

Os médicos estão começando a considerar o vício do jogo uma doença, tal como o alcoolismo e a droga

OFATO de ter estado sem dinheiro havia provocado tremores nervosos em Eddie, mas agora, com 400 dólares garantidos no bolso de seu casaco-esporte já surrado, ele se sente eufórico, como que regressando novamente à vida. Vai tirando baforadas de fumaça de seu charuto, com ar de importância e de ansiedade. Seu coração pulsa quando os angariadores de apostas em corridas de cavalos fazem desfilar perante seus olhos o vistoso arco-íris dos talões de jogo: «Hei, companheiro! Bom palpíte para a dupla de hoje! Vai arriscar, hein?»

Agora já nada preocupa Eddie: nem o fato de ter mentido ao sogro quando lhe disse que precisava daquele dinheiro com urgência, nem suas dívidas, nem os amigos que o abandonaram, nem a mulher que ameaçou deixá-lo. Hoje é o grande dia que ele tem esperado a vida inteira. Irá arrebatá-lo o *sweepstake*, ganhar as nove corridas, acertar numa tripla. Irá conseguir tudo isso. Amanhã, Eddie será alguém.

Para muitos dos que apostam com os angariadores, o jogo é uma diversão inocente; mas esse não é o caso de Eddie, pois ele vai mais longe. É um viciado no jogo, um fracassado, atacado por um vírus maligno. Quer tenha 15 anos ou 75, quer seja operário ou executivo, padre ou policial, o viciado sente sempre aquele desejo irreprimível de telefonar para um *bookmaker* e apostar seja no que for: corridas de cavalos, jogos de futebol ou outras competições esportivas, sinuca, pôquer, caça-níqueis, jogo-do-bicho, loteria esportiva ou dados.

Os viciados em jogo, segundo a opinião de um número crescente de psiquiatras e peritos médicos, são doentes perigosos em potencial, que muitas vezes arrastam consigo as pessoas a quem estão ligados. O vício destrói carreiras, separa famílias e leva suas vítimas à ruína moral, miséria, falência, prisão e mesmo ao suicídio. Enquanto isso, há milhões de pessoas que jogam sem se viciar. Então por que, em certos casos, o vício assume um grau patológico?

O romancista russo Dostoiévski, que era um jogador inveterado, escreveu que, para ele, o prazer maior era perder. O falecido Dr. Edmund Bergler, que realizou importantes pesquisas psiquiátricas sobre o assunto, também denunciou a existência de masoquismo psíquico nesse campo: «O jogador procura e experimenta uma enigmática emoção, que não pode ser explicada pela lógica, pois ela se compõe tanto de dor como de prazer.»

O Dr. Robert L. Custer, chefe do pessoal no Hospital de Veteranos de Brecksville, Ohio, que desde abril de 1973 vem tratando viciados em jogo, na primeira clínica do gênero preparada para esse efeito, defende uma teoria diferente. Este está plenamente convencido de que o vício do jogo é uma mania que deve ser considerada doença, e as pesquisas que tem realizado mostram que essa anomalia apresenta «espantosas semelhanças» com o alcoolismo. Em 50 viciados em jogo, hospitalizados durante um período de três a seis semanas, todos eles manifestaram uma síndrome de isolamento que durou uma ou duas semanas, com reações que iam desde a inquietação até tremores, fortes dores de cabeça e diarreia.

Na opinião do Dr. Custer, o viciado não joga por prazer, nem para se redimir de um sentimento de culpa, ou por ver no jogo um sucedâneo do sexo, mas para escapar à dor provocada por sentimentos reprimidos que derivam de situações desagradáveis — dor essa que, muitas vezes,

também resulta de fortes carências emocionais experimentadas na infância ou na adolescência. Incapaz de reagir, o viciado se afasta das pessoas e se liberta jogando. Quer ganhe ou perca, o fato de estar concentrado alivia sua dor psíquica. «Eles podem não se sentir realmente felizes, quando estão jogando, mas pelo menos não se sentem infelizes», diz o Dr. Custer. «É um meio de evasão fantástico, tão poderoso como as drogas.»

Geralmente, o vício começa a ser adquirido na adolescência. O jovem, dominado pela autodesconfiança, descobre que jogando consegue escapar à sua angústia. Continua apostando cada vez mais forte, procurando assim a fama e a fortuna. «Riqueza imediata e felicidade instantânea», afirma o Dr. Custer, «são conceitos muito perigosos.»

Em pouco tempo, estão criadas as condições. O viciado começa apostando mais dinheiro e com maior frequência. Depois, para alimentar o vício, pede elevadas quantias a quem lhe emprestar, inclusive a estabelecimentos de crédito ou até a agiotas. Finalmente, acaba caindo numa vida de mentira, cumplicidade e roubo — mas, como continua lúcido, vai prosseguindo nessa atividade destruidora por muito mais tempo do que o alcoólatra. Em suas reuniões terapêuticas, os membros da organização Jogadores Anônimos (J. A.), um grupo de ajuda mútua semelhante à Associação dos Alcoólicos Anônimos, relatam fatos tão absurdos como os que a seguir se mencionam.

- Procurar obter um empréstimo do patrão, contando-lhe a mentira de que a mulher teve de fazer um aborto.

- Ir a um enterro para se calcular o valor da urna funerária. «Se ela fosse valiosa», diz um viciado já redimido, «nós voltávamos ao cemitério de noite, desenterrávamos a urna e íamos vendê-la.»

- Fechar-se no banheiro às três da madrugada, para ouvir os quarenta resultados dos jogos de basquetebol que anteriormente se tinham gravado dos relatos pelo rádio — «para confirmar se ouvira bem quem ganhara».

- Levar o filho de três anos para junto da janela e ameaçar «jogar a criança à rua» se o sogro não emprestasse dinheiro.

Os indivíduos extremamente viciados no jogo podem ser curados?

«Só com uma abstinência completa», diz um membro da organização Jogadores Anônimos. «Em relação ao jogo, a idéia errônea de que somos normais, ou de que presentemente temos possibilidades de sê-lo, tem de ser afastada.»

A associação dos Jogadores Anônimos foi fundada em Los Angeles, em 1957, por dois jogadores dominados pelo vício. Conta atualmente com cinco mil membros. A organização não dispõe de um departamento de promoções, não aceita contribuições de estranhos, não cobra cotas e se recusa a participar de debates sobre a moralidade do jogo. Conversas onde os membros expõem seus problemas e confessam suas faltas, em reuniões que duram por

vezes até às duas ou três da madrugada, constituem o fulcro da terapêutica administrada na associação. Os membros são unidos, fazendo recordar constantemente, nas sessões terapêuticas e em chamadas telefônicas de apoio que fazem uns aos outros, que uma simples aposta pode ser a ruína.

O Dr. Custer é da mesma opinião. Ele acha que o caso desse jogador «é o mesmo que o daquele alcoólatra que começa por tomar o primeiro drinque».

Se bem que os jogadores constituam geralmente uma casta de gente alegre, dotada de humor fatalista, nas sessões da associação dos Jogadores Anônimos não há muitos sorrisos. Um jovem se levanta e diz: «Meu nome é Marty J. Sou viciado em jogo.» (Esta é a apresentação normal que inicia todas as confissões.) «Minha grande doença foi o basquetebol. Uma vez ganhei sete mil dólares nos cavalos, e acabei perdendo tudo porque falhei 30 dos 36 resultados nos jogos de basquetebol. Eu julgava ser o maior...»

Há confissões patéticas como a de um jovem de 17 anos que, na primeira reunião a que assistiu, contou como retalhara a mão com uma faca: «Disse depois a meus pais que os agiotas me haviam ferido, e que precisava de 300 dólares para lhes pagar. Apostei o dinheiro nas corridas de cavalos e perdi tudo.»

Um a um, os 20 homens que se encontram na sala vão contando suas histórias aterradoras. O assunto básico nunca varia, e a confissão é já em si uma espécie de punição que,

